

E AÍ, VÉI?

Paola Lima
Da equipe do **Correio**

Fotos: Jefferson Rudy

Brasília tem sotaque? Uma pesquisa qualitativa realizada pela WHO Pesquisa e Informações de Mercado, realizada em março deste ano, apontou que os brasilienses ainda não reconhecem o sotaque na fala do povo da cidade. Mas, segundo os especialistas em lingüística, a capital do país tem sotaque sim — ainda em construção, se consolidando na forma de falar dos mais jovens, mas já possível de se identificar.

Quem vive em Brasília consegue perceber o caldeirão de dialetos regionais que é a cidade. E de tanto juntar os *oxentes*, *bahs* e *uais*, os brasilienses criaram um jeito próprio de falar. O novo sotaque, percebido com mais clareza nas novas gerações, tem uma melodia diferente e uma característica especial: não traz nenhuma das marcas fonológicas dos sotaques de outros estados.

“A marca do sotaque de Brasília é não ter marca”, explica o professor de lingüística da Universidade de Brasília, Djalma Cavalcante Melo, estudioso do assunto há mais de dez anos. “O brasiliense limpou a maneira de falar dos outros brasileiros, tirando os chiados cariocas, as vogais abertas do nordestino ou o ‘r’ puxado dos goianos, e criou um sotaque mais neutro”, descreve.

Um exemplo do que seria o jeito de falar tipicamente brasiliense são os locutores de televisão que conseguem suprimir da fala as marcas regionais do seu estado de origem. “Você percebe que é diferente dos outros, mas não consegue identificar de onde é”, explica Melo.

O professor diz que ainda é preciso desenvolver estudos mais aprofundados para se traçar o verdadeiro perfil do sotaque brasiliense. Faltam pesquisas fonológicas e fonéticas para descrever o padrão de fala dos moradores da capital. Mas, por enquanto, pode-se afirmar que já existe uma melodia (entonação dada às palavras e às frases) própria daqui. “O brasiliense fala de uma forma sóbria, mas ainda não há uma unanimidade em torno de todos os sons.”

JEITO CANTADO

Para o professor, o sotaque brasiliense vai ser difundido principalmente pelos jovens, que apostam nele como uma dos traços de identidade da cidade. Os



Os irmãos Sarah e Carlos, brasilienses, garantem que falam diferente de qualquer outro brasileiro

irmãos Sarah Tarsila, 15 anos, e Carlos Araújo Lopes, 14, são um exemplo disso. Os dois acreditam no sotaque e dizem que falam diferente de qualquer outro brasileiro.

“Falamos de um jeito mais cantado”, reconhece Sarah. Filhos de baianos, os dois contam que, sempre que encontram a família da Bahia, as pessoas brincam com o jeito como eles falam.

“Eles dizem que falamos diferente e logo percebem que não somos de lá”, afirma Carlos. “Só que, na maioria das vezes, não conseguem dizer de onde somos.”

Carlos afirma que sabe quando uma pessoa é de Brasília ou não. “Não falamos como os outros”, diz, simplista. E quando chega gente nova na turma, os amigos logo brincam com os sotaques.

“Tem um goiano na minha sala, por exemplo, que todo mundo perturba o dia inteiro, por causa do ‘r’ caipira”, revela.

Os dois irmãos garantem que há palavras e entonações que só os brasilienses usam. O famoso ‘-véi’, adotado por qualquer nativo da cidade com menos de 18 anos, é uma das palavras mais características do vocabulário de Brasília. Demorar para concluir as pa-

lavras, carregando na última sílaba, também seria outro indício: “Manhêêê!”

Djalma Melo concorda com as explicações ‘científicas’ dos adolescentes. “Véi é mesmo uma gíria típica de Brasília, mas o sotaque da cidade ainda não criou bordões, como o *tchê* dos gaúchos ou o *uai* dos mineiros”, ressalta. “As marcas ainda são muito novas e só com mais duas ou três gerações teremos um sotaque mais característico”, prevê.

MISTURA DE TUDO

E se os jovens são os maiores divulgadores do novo sotaque, os mais velhos são os que mais resistem a adquiri-lo. Até aqueles que vivem há muitos anos em Brasília e perderam o contato com a terra natal, ainda fazem questão de manter o falar característico da terrinha. “É muito comum você ver os jovens filhos de migrantes falarem como brasilienses, mesmo que os pais mantenham os sotaques”, ressalta Melo.

É o caso da publicitária Rebecca Celso, 26 anos. O pai nasceu no Rio Grande do Norte e a mãe no Mato Grosso do Sul. E Rebecca diz que não fala como nenhum dos dois. “Meu pai fala daquele jeito nordestino arrastado”, brinca. “E a minha mãe ainda guarda um pouco do jeito de falar de índio do Mato Grosso.” Ela, no entanto, acha que mistura tudo na hora de falar.

A universitária Mariana Perdigão Nogueira, 23 anos também pensa do mesmo jeito. Filha de gaúcha com cearense, Mariana não percebe na cidade um sotaque brasiliense. Mas admite que não fala como os pais e muito menos como os parentes do Sul ou do Nordeste. “Não sei se já temos um sotaque só nosso, mas acredito que, se existir mesmo, é uma mistura de tudo, pegando um pouco de cada coisa”.

Apesar de ainda estar engatinhando nos dialetos regionais, Brasília já demonstra estilo na hora de definir as características da fala do seu povo. Em uma das pesquisas de mestrado do professor Melo, o jeito de falar brasiliense médio foi apontado como um dos mais bonitos do Brasil. E relacionado ao sucesso e ao status.

“A receptividade quanto ao modo de falar dos brasilienses foi enorme, o sotaque foi visto de forma muito positiva”, declara. A metodologia da pesquisa foi simples: o professor gravou seis brasileiros falando o mesmo texto: um paulista, um carioca, um pernambucano, um gaúcho, um goiano e um brasiliense.

As pessoas que ouviam as fitas conseguiam reconhecer a origem de todos os sotaques, menos o de Brasília. Em compensação, o associavam a profissões de sucesso, como médicos e engenheiros, e a pessoas cultas e dinâmicas. “O que aconteceu em Brasília foi que nenhum dos sotaques dos migrantes suplantou o outro”, esclarece. “Ao contrário, eles foram se incorporando.”